

(aprendendo)

Direitos Humanos com Boletins do Fórum Intersindical

[Boletim Informativo nº 53, janeiro 2020, Trabalhadores Anônimos]

*“Viva o soldado, brasileiro /
Seu produto servirá o mundo inteiro” **

por **Soldados da Borracha**

[Seringueiros do Acre, e desempregados do Norte/Nordeste/Sudeste, convocados pela 'pátria' ao esforço da Guerra (1942-1945)]

O trabalho e as lutas dos seringueiros acreanos na produção da borracha e na defesa territorial do país mobilizaram a sociedade brasileira sem o justo reconhecimento. Nas falas de Dona Vicência, integrante do batalhão “Soldados da Borracha” que nos deixou em 2013 aos 84 anos ([veja](#)), e no resgate da história, compreendemos que os povos da floresta doaram suas vidas à pátria. O Acre nasceu da conquista dos seringueiros, no primeiro ciclo da borracha (1879-1912), e chegou a produzir cerca de 60% da seringa amazônica. Mesmo assim, pelo Tratado de Ayacucho em 1867 (os habitantes do território possuíam o direito ao uso da terra), o Brasil concedia à Bolívia grande área de produção da borracha. Os brasileiros sentiam-se prejudicados e, quando os bolivianos decidem ocupar um seringal às margens do Rio Acre, iniciaram movimentos populares de defesa territorial visando impedir a transferência do controle da produção a uma empresa norte-americana. A revolução acreana partiu de movimento armado de Xapuri, sob o comando de Plácido de Castro, conquistando a incorporação do Acre ao Brasil no Tratado de Petrópolis assinado pelo Barão de Rio Branco ([Freire, 2013](#)). Esta não seria a única vez que esses trabalhadores iriam adoecer e morrer pelo país. Enfrentaram longa recessão no comércio da borracha brasileira após 1912. O Brasil que deteve o monopólio da borracha e foi grande fornecedor para as indústrias nascentes na Europa e EUA, especialmente a bélica e automobilística, perdeu terreno. Mudanças contrabandeadas ([pelos ingleses](#)) para a Malásia e plantadas lado a lado, com menor custo de produção, levaram ao desinteresse pelo nosso produto de custo mais elevado. Nossas seringueiras encontravam-se misturadas à floresta demandando maior tempo e quantitativo de trabalhadores na extração artesanal criada pelos indígenas. Uma vez mais os seringueiros do Acre (e desempregados de outros estados do Norte/Nordeste/Sudeste) atenderam à convocação da 'pátria' e, entre 1942-1945, integraram as forças aliadas aos EUA na produção de borracha para a Guerra. De malária, febre amarela, hepatite, picada de cobra, ataques de animais selvagens e acidentes morreram mais de 20 mil dos cerca de 53.000 "Soldados da Borracha", tendo em conta que o número correto de 'alistados' e baixas é desconhecido. Alguns destes "Soldados", que até hoje lutam por uma aposentadoria justa, foram entrevistados por Freire (2013, p.32) e no documentário "[Borracha para a Vitória](#)". Na CRFB 88, conquistaram uma aposentadoria de dois salários sem 13º salário e continuam lutando pela equiparação aos 'pracinhas' enviados à Itália. Destaque-se que o regime de trabalho dos soldados da borracha foi análogo ao da escravidão, sendo alguns menores de idade que sequer foram 'alistados'. O SEMTA [Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia], criado pelo governo brasileiro em 1943 como parte dos esforços de Guerra, fornecia um kit de trabalho e sobrevivência na selva [calça azul, camisa branca, chapéu de palha, par de alpercatas, mochila, prato fundo, talher (colher-garfo), caneca de flandres, rede e um maço de cigarros] cobrado depois dos alistados.



Dona Vicência (foto) esteve neste contingente e seu sonho, como o de muitos outros combatentes, não se concretizou! A Seringueira Vicência Bezerra da Costa veio de Alto Santo/CE aos 14 anos com a família, trabalhou em seringais do entorno do Rio Xapuri e, nos últimos anos, mantinha a tradição culinária da região num restaurante de Xapuri. Com a palavra, Dona Vicência: *O dia de um seringueiro começa a uma hora da madrugada [o látex endurece com o calor] Segue as trilhas, roça a estrada, sem horário... Você amanhece o dia e diz: Bons Dias! ... e a folha dela [da árvore] faz assim... Sob a escada, risca a seringueira, coloca a tigela, verifica e repõe amoníaco [evita o endurecimento do líquido], escorre o leite da tigela para o saco que fica no chão... "[...] até umas 50 madeira, 200, 120..." ferra a borracha [cada seringueiro com sua marca de ferrar] armazena para o mateiro pesar e depois leva à casa de defumação. [...] as mulher cortava, ixi! Eu conheci mais mulher cortando mesmo do que homem. Se o marido adoecesse, a mulher ia parar? Vida dura dentro da mata, friagem, onças... mata mesmo, na mata [...] você tá de trás de um pau, tem outro aqui e eu não te vejo... A gente comia tudo, Macaco Prego, Guariba, Porco, Veado, Coati, tudo quanto era coisa nós comia ali [...] A vida foi*

essa, trabalhar e fazer a borracha. ■ ■ ■

Nota: * refrão do hino dos soldados da borracha

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.